



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS**

RAFAELA DA SILVA DIAS SOUSA

FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

**ARAGUAÍNA-TO
2019**

RAFAELA DA SILVA DIAS SOUSA

FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada ao Curso de Letras/Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Professor Doutor Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira.

ARAGUAÍNA -TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725f Sousa, Rafaela da Silva Dias de .
 Formação do Léxico da Língua Portuguesa. / Rafaela da Silva Dias de
 Sousa. – Araguaína, TO, 2019.
 46 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.

Orientador: Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira

1. Língua Portuguesa. 2. Formação. 3. Variação. 4. Léxico. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAFAELA DA SILVA DIAS DE SOUSA

FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus de Araguaína, Curso de Letras/Língua Portuguesa e Literaturas, foi avaliada para a obtenção do título de graduada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira. Orientador - UFT

Prof.^a Andrea Lameirão Mateus. Banca – UFT

Prof. Me. Priscila Venâncio Costa - UFT

Prof. Me. Layssa de Jesus Alves Duarte - UFT

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela determinação que me deu para concluir esse trabalho, Deus é o único suporte para prosseguir. Ao meu marido Ariel Sousa Dias pelo apoio e incentivo , ele deu-me todo o suporte para que eu pudesse concluir este trabalho .

Não poderia deixar de mencionar meu orientador Luiz Roberto Peel o qual sempre inspirou-me acerca dos estudos relacionados à língua portuguesa, costume chama-lo de mestre . Peel, como conhecemos na Universidade , tem uma maneira singular de ensinar gramática e língua latina , tornando assim as aulas mais dinâmicas e interessantes . Com base nas aulas de História da língua portuguesa, ministradas pelo mestre tive a inquietação de estudar o percurso e formação da nossa língua.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar as implicações linguísticas para a formação do léxico da língua portuguesa, especificamente o português brasileiro. Procuramos responder quais os fatores que contribuíram para a mudança da língua portuguesa. Tivemos como base teórica as abordagens de Teyssier (2004), com tradução de Celso Cunha, Spina (2008), Illari (1999), dentre outros que também discutem sobre a história da língua portuguesa. A metodologia utilizada foi baseada em fragmentos de textos de diferentes épocas, utilizamos alguns trechos de obras literárias, tais como: as cantigas trovadorescas, escritas em galego português; a cantiga da ribeirinha; trechos do livro *Iracema*, para discutirmos sobre a influência de palavras indígenas no léxico português; dentre outros textos para fazermos comparações entre as diferentes fases da língua. Com base nos fragmentos analisados procuramos explicar as alterações fonológicas e morfológicas das palavras. Por meio dos estudos acerca da trajetória da língua portuguesa, pudemos constatar que ela é formada não somente por palavras de origem latina, mas por contribuições de várias línguas que estiveram presentes no processo de construção do léxico, dentre essas influências, destacamos: as árabes, as germânicas, as celtas, as africanas, as indígenas, as gregas, as espanholas, as francesas e também os estrangeirismos, como é o caso inglês, que influenciaram de forma indireta.

Palavras-chaves: Língua Portuguesa; Formação; Léxico.

ABSTRACT

This paper aims to address the linguistic implications for the formation of the lexicon of the Portuguese language, specifically Brazilian Portuguese. We tried to answer which factors contributed to the change of the Portuguese language. We had as theoretical basis the approaches of TEYSSIER (2007); translated by Celso Cunha, SPINA (2008), ILLARI (1999), among others who also discuss the history of the Portuguese language. The methodology used was based on fragments of texts from different times, we used some excerpts of literary works such as troubadour songs, written in Portuguese Galician; the riverside song and an excerpt from José de Alencar's book *Iracema* to discuss the influence of indigenous words on the Portuguese lexicon; among other texts to make comparisons between the phases of the language. Based on the analyzed fragments we tried to explain the phonological and morphological alterations of the words. Through studies about the trajectory of the Portuguese language, we found that it is formed not only by words of Latin origin, but by contributions from several languages that were present in the lexicon, among these influences, we highlight: the Arabic, the Germanic, the Celtic, African, Greek, Spanish, French and also foreign, as in the English case, which indirectly influenced.

Keywords: Portuguese Language; Formation; Lexicon.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Declinações nominais em latim clássico.....	20
Quadro 2 - Comparações entre o latim vulgar e latim clássico.....	22
Quadro 3 - Características do português arcaico Possessivos femininos.....	22
Quadro 4 - Periodização da língua portuguesa.....	26
Quadro 5 - Quadro ilustrativo sobre os metaplasmos, com base no livro: <i>Cattus, feles ET pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas.</i>	28
Quadro 6 - Semelhanças entre Português e Espanhol.....	36
Quadro 7 - Origens de algumas palavras.	38
Quadro 8 - Metaplasmos atuais.....	40
Quadro 9 - Diferenças Lexicais.....	43
Quadro 10 - Appendix Probi dos vocábulos atuais.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

LP – Língua Portuguesa

PA – Português Arcaico

PM – Português Moderno

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 aspectos metodológicos	12
2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	14
2.1 Latim clássico e latim vulgar	17
2.2 Português arcaico	20
2.3 Português clássico	23
2.4 Português brasileiro	24
3 FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	26
3.1 Características do português brasileiro.....	33
3.2 Consolidação da ortografia.....	38
4 NOVAS CARACTERÍSTICAS DO LÉXICO.....	39
4.1 Os estrangeirismos na língua portuguesa.....	43
4.2 <i>Appendix probi</i>	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar os fatores que contribuíram para a formação do léxico da língua portuguesa. A motivação que nos levou a investigar o percurso histórico da língua foi baseada nas aulas da disciplina *Literatura Portuguesa: Do Trovadorismo ao Arcadismo*. No 5º período, durante as aulas, líamos textos escritos em galego português como “*A cantiga Da Ribeirinha*”, de Paio Soares Taveirós, o primeiro documento escrito em português arcaico. Tivemos, também, a oportunidade de ler *Os Lusíadas* de Luiz Vaz Camões, dentre outros autores de diferentes épocas.

Com base nas leituras, percebemos que a língua portuguesa era diferente do português contemporâneo, então, fomos impulsionados pela curiosidade de descobrir quais elementos contribuíram para formação do léxico do português brasileiro. A cada escola literária, víamos que as obras eram escritas de acordo com o contexto da época; então, concluímos que a língua também é determinada pelo contexto. Ao estudarmos os textos do *trovadorismo*, percebíamos as diferenças do português arcaico, não somente na sintaxe, mas também no léxico; as palavras eram escritas com consoantes dobradas, como *rrey* e *-fficar*.

Não abordamos todas as alterações que ocorreram no português, mas estudar a formação do léxico da língua portuguesa nos proporcionou entender o motivo pelo qual algumas palavras são escritas de uma determinada forma. Tomamos como exemplo as palavras indígenas que, na maioria dos casos, são escritas com a letra ç, em específico as de origem tupi: açai, paçoca, miçanga, Juçara, Iguaçu etc. As palavras de origem latina com a terminação em “*t*” são escritas com a letra “*c*” ou “*ç*”, como, por exemplo, ato, ação, destino, distinção, infrator, infração etc.

As línguas estão em constante mudança, segundo Serafim (1986), os resultados da língua podem ser explicados com base na evolução histórica, ou seja, através dos estudos das fases de uma língua, podemos compreender os fatores que impulsionaram a alterações morfológicas, sintáticas, fonológicas e léxicas. Quando a língua portuguesa chegou ao Brasil, já havia adquirido diversas contribuições lexicais e posteriormente haveria de mudar mais ainda devido às influências linguísticas e às contribuições de vocábulos dos povos indígenas, africanos e dos imigrantes, como italianos, espanhóis, holandeses, árabes e alemães.

Como ressalta Banza e Gonçalves (2018), para compreendermos o atual português, é necessário que tenhamos conhecimentos acerca de sua origem. Através dos estudos acerca do processo histórico da língua, inferimos que, apesar das mudanças ocorridas na língua, não há interferência na comunicação, pois a língua muda de acordo com a sociedade.

Estudar a evolução linguística do português nos proporciona conhecimentos históricos acerca da cultura brasileira, devido ao Brasil ser composto por várias culturas, constatamos que vários povos influenciaram para a construção da língua portuguesa. Por meio desta pesquisa, pudemos perceber que à medida que a sociedade muda, a língua também se altera para adaptar-se à nova comunidade de falantes, por isso, encontramos dificuldades em compreender textos de outras épocas.

Esta pesquisa contribuirá para a prática docente dos professores de língua portuguesa em sala de aula; ao lermos textos de outras épocas juntamente com nossos alunos poderemos explicar sobre a origem de um determinado vocábulo e ensinar aos alunos que, na língua portuguesa, a gramática normativa regulariza a forma escrita, contudo, há diferentes modalidades de fala que dão um caráter múltiplo a essa língua.

1.1 Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa foi desenvolvida com base em fontes bibliográficas e documentais, portanto, caracterizamos-la como pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gill (2002), é realizada com base em livros e artigos científicos; contudo, a pesquisa documental é mais abrangente em relação às fontes pesquisadas.

O documento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar, que enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas, sobretudo, por material impresso localizadas nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. (GILL, 2002, p.46)

Para a fundamentação teórica da pesquisa, utilizamos Teyssier (2007), com tradução de Celso Cunha, também utilizamos Spina (2008), Ismael Coutinho (1974), Rodolfo Illari (1999), dentre outros autores. Tais autores são renomados por realizarem estudos sobre a história da língua portuguesa. Para a realização do trabalho, foram realizadas leituras de livros, artigos, TCCs, periódicos e teses. Inicialmente, procuramos ter acesso aos autores que abordavam sobre a história da língua e fizemos anotações para obtenção dos resultados.

Buscamos entender o percurso histórico do português brasileiro, nosso objetivo consistiu em entender quais processos contribuíram para a formação do léxico da língua portuguesa. Buscamos atingir os seguintes objetivos específicos: a) entender a origem das palavras; b) investigar quais os fatores que contribuíram para as mudanças linguísticas; c)

fazer comparações entre as variedades da língua; d) fazer comparações entre certo e errado com base na gramática normativa; e) construir um *Appendix Probi*.

Esta pesquisa está dividida em três seções, no primeiro capítulo abordamos sobre o contexto histórico da língua portuguesa, desde o latim ao português trazido ao Brasil pelos portugueses nos períodos das grandes navegações. No segundo capítulo, tratamos sobre a formação do léxico, para isso, mostramos exemplos de alguns metaplasmos com base em Oliveira (2015). Utilizamos como exemplo uma *Cantiga d'amor de refran* e um fragmento do texto *Leal Conselheiro* para entender algumas palavras que se modificaram. Utilizamos também - um fragmento do livro *Iracema*, de José de Alencar, para destacarmos as palavras indígenas – muitas palavras da língua portuguesa são de origem indígena.

No terceiro e último capítulo, discorremos sobre as características do léxico na atualidade, discutimos sobre as variedades do português brasileiro para que o leitor entenda a diversidade da língua e construímos, ainda, um *Appendix Probi* da atualidade. Para construção do *Appendix*, tivemos como suporte o livro *Nova Gramática Contemporânea*, de Evanildo Bechara. Em todos os capítulos apresentados, procuramos apresentar as fases da língua portuguesa até nossos dias.

2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Com base em estudos acerca da história da língua portuguesa, é notório que, desde o Latim até a contemporaneidade, ocorreram diversas mudanças na sintaxe, na morfologia, na fonologia e no léxico. Devido às dificuldades dos estudantes do curso de Letras em ler obras literárias de outras épocas, o intuito desta pesquisa é que compreendamos as diferentes fases do português. Esta pesquisa irá contribuir para que o leitor entenda que, à medida que a sociedade muda, a língua acompanha essa mudança e se adapta à nova comunidade de falantes/leitores. Obras literárias de Machado de Assis, José de Alencar, Cruz e Sousa, dentre outros, estão distantes de um leitor do século XXI. Afinal, o leitor contemporâneo vive em outro contexto.

Esta pesquisa contribuirá para o conhecimento histórico da língua e da cultura brasileira, enquanto fenômenos sociais. Nos próximos capítulos, iremos observar que a língua é um fator de dominação política e cultural. Segundo Banza e Gonçalves (2018), para compreendermos o atual português, é necessário que tenhamos conhecimento acerca de sua origem.

As línguas estão em constante movimento, sendo organismos vivos. É possível constatar essas afirmações em Faraco (2005); segundo esse autor, as mudanças acarretam configurações novas para as línguas, porém, não há perda de sua plenitude estrutural e de seu potencial semiótico. Apesar das mudanças na estrutura da língua portuguesa, o português do Brasil continua sendo português, porém, não da mesma forma que o português do século XVI. O português, assim como outras línguas românicas, é derivado do latim vulgar; portanto, antes de iniciarmos a trajetória do português brasileiro, é necessário que saibamos o percurso do latim às línguas românicas.

Com base em Basso e Gonçalves (2010), o latim era falado no território central da Itália, o Lácio. Juntamente com o Império Romano, o latim percorreu parte da Europa, norte da África e regiões da Ásia. Através do processo de aculturação, por meio do qual os romanos iam impondo sua língua aos territórios conquistados, o latim modificava-se devido ao contato com outros idiomas, até surgirem novos dialetos.

É importante ressaltamos, conforme Ilari (1999), que o termo “România” se refere ao território ocupado por línguas oriundas do latim. No decorrer deste trabalho, veremos que a história da língua portuguesa está relacionada à história da Península Ibérica. Estes dados são extremamente importantes para compreendermos a evolução do português. A cada conquista territorial, os romanos impuseram sua cultura e conseqüentemente sua língua (o latim) aos

povos vencidos. Dentre as conquistas do Império Romano, destacam-se: Itália Peninsular; Europa Mediterrânea; Gália a Europa Central; Ásia menor; África; Caledônia (Escócia); Dácia (Romênia) e Arábia. Durante a conquista desses territórios, aconteceram três guerras púnicas.

A conquista da Itália acarretou divergências entre os Romanos e os Cartagineses. Cartago era uma antiga colônia Fenícia que também tinha o objetivo de explorar o mediterrâneo. Esse conflito desencadeou três guerras púnicas, o nome púnico significa “fenício”, nome pelo qual os romanos chamavam os cartagineses. Conforme Ilari (1999) houve três guerras púnicas, as datas são as seguintes: 264 a.C, primeira guerra púnica; 219-201 a. C., segunda guerra púnica; 146 a.c terceira guerra púnica. Os romanos venceram todas as guerras e assim conquistaram toda a Península.

Para que o império dominasse toda a Península Ibérica, Teysser (2007) sustenta que os romanos chegaram à região peninsular em 218 a.C., período em que ocorreu a segunda guerra púnica. Antes de os Romanos chegarem à península, já havia povos que a habitavam, esses povos tinham suas próprias culturas e línguas. O contato do latim com as línguas desses povos ocasionou um processo chamado de substrato linguístico, ou seja, as línguas dos povos vencidos influenciando a língua de seu dominador. Conforme Banza e Gonçalves (2018), os povos que habitavam a península antes da chegada dos Romanos eram: os celtas, os tartessios, os Iberos, os fenícios e, os proto-bascos.

Em questões preliminares, a península foi dividida em duas províncias, Hispânia Citerior, região nordeste, e a Hispânia Ulterior, região sudoeste. Conforme Teyssier (2007), em 27 a.C, Augusto dividiu a Hispânia Ulterior em Lusitânia ao norte e bética ao sul. A região da Lusitânia é a que nos interessa, pois foi onde se formou o a língua galego-portuguesa, língua oriunda da região norte. Apesar do grande poderio e da vasta extensão do Império Romano, as terras subordinadas ao império foram alvo de diversas invasões ao longo do tempo, devido à sua grande extensão, algumas regiões ficaram dispersas, facilitando a penetração de vários povos na península. A falta de mão de obra escrava também foi um dos fatores para a decadência do poderio romano. Nos séculos V, VI, VII, povos de diversas regiões invadiram as colônias romanas.

Em 409, tribos germânicas invadiram a península, dentre esses povos se destacam: vândalos, suevos, visigodos e alanos. Os visigodos dominaram a península e resistiram aos outros reinos bárbaros, apesar de conquistarem a Península Ibérica, o latim ainda permaneceu como língua cultural; pouco tempo depois os visigodos adotaram o cristianismo. A contribuição dos visigodos foi mínima para o surgimento das línguas neolatinas. Os suevos,

tribo conquistada pelos visigodos, foram responsáveis por significativas contribuições para o surgimento do latim vulgar. Dentre as mudanças lexicais, temos a supressão de *l* e *n* em posições intervocálicas, exemplos: *luna*>*lua*, *soles*>*sois*; os encontros *cl*, *pl* e *fl* são substituídos por *ch*: *pluvia*>*chuva*, *claves*>*chave*.

Apesar de os visigodos terem adotado a cultura romana, estes, segundo Spina (2004), fecharam escolas, o que contribuiu ainda mais para o surgimento de novos dialetos e para o predomínio do latim vulgar. O latim culto era falado nos mosteiros, e a língua predominante que mais tarde contribuiu para o surgimento dos romances, ou romances, foi o latim vulgar.

As invasões não cessaram com a chegada dos reinos germânicos; em 711, século VIII, os árabes também invadiram a Península. Esses povos eram de cultura extremamente diferente dos povos que já habitavam a Península e tinham como religião o Islã; ou seja, seguiam as doutrinas de Maomé e do Alcorão e falavam a língua árabe. Os árabes conquistaram a península, por isso muitas palavras na língua portuguesa são de origem árabe. Estas línguas (dos bárbaros e dos árabes) constituem o superstrato das línguas românicas da península ibérica.

Dentre as palavras de origem árabe, temos as seguintes: arroz, alfândega, azeite, azeitona, bolota, açucena, alface, alfarrada, javali, alicate, alicerce etc. Desse idioma se originou a preposição “até” que, a princípio, constituía o decrépito *hatta*. É importante ressaltarmos essas observações a respeito da formação do léxico da língua portuguesa para compreendermos a relação à que esses termos remetem; ou seja, através do conhecimento sobre a origem de algumas palavras, podemos perceber que o português recebeu diversas contribuições até se constituir enquanto língua.

Os cristãos rebeldes, porque não aceitavam serem subjugados pelos árabes, organizaram um movimento chamado reconquista, esse dado também é extremamente importante para o surgimento da língua que virá a tornar-se o português. Em 722, Pelágio comandou o movimento da reconquista, cujo objetivo era expulsar os árabes da Península. Em 1494, a reconquista foi definitiva, pois os cristãos conquistaram a região da Granada. Os mouros eram expulsos para sul. A reconquista foi um processo longo, as línguas oriundas da região norte como o galego-português, o castelhano e o catalão foram levadas para a região sul com o movimento da reconquista. O superstrato árabe contribuiu para a formação dessas três línguas.

Nobres lutaram contra os mouros no movimento da reconquista, os quais são D. Raimundo e o primo D. Henrique, conde de Borgonha. Estes nobres tiveram êxito na batalha contra os árabes. Como recompensa, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, concedeu a D.

Raimundo a mão de e sua filha Urraca em casamento; a D. Henrique foi concedida a mão de sua filha Tareja e o condado portugalense. Com a morte de D. Henrique, Tareja assumiu o poder e viveu um romance com o conde de Trava; este fato gerou insatisfação do povo e de D. Afonso Henriques, filho de Tareja com seu falecido marido. Este foi um fato relevante para a consolidação da língua portuguesa. Em 1128, houve a batalha de São Mamede, a qual D. Afonso VII venceu, sendo reconhecido como rei pelo papa Alexandre III. Devido a esses acontecimentos, Portugal se tornou independente da Galiza.

Com o passar do tempo, D. Afonso foi conquistando mais territórios, em 1250 conquistou a região do Algarve, onde são estabelecidos os limites de Portugal. Ressaltamos que a língua falada nessa época era o galego-português, não era o português à brasileira, vários fatores ainda contribuirão para o surgimento do português moderno.

2.1 Latim Clássico e Latim Vulgar

Antes de começarmos a discutir sobre o português arcaico, é relevante que façamos a distinção entre o latim clássico e o latim vulgar. Este, como já sabemos, é que deu origem às línguas românicas. No período do latim clássico, destacam-se autores como: Virgílio, com os clássicos *Eneida* e *Bucólicas*; Tibulio, Horácio e Ovídio – enfatizamos que o latim clássico é a modalidade a qual estudamos no curso de Letras.

A modalidade clássica possuía estruturas sintáticas diferentes das estruturas da língua portuguesa. A ordem da frase não era rígida como em português, por exemplo: para sabermos quem era o sujeito da frase era necessário que observássemos a desinência. Essa observação correspondia ao estudo de casos. Ou seja, para sabermos as funções sintáticas dos termos, era necessário que analisássemos as desinências. Nos exemplos abaixo compreendemos a estrutura sintática do latim clássico.

1. Videt Paulus Petrum
2. Equus Magnus est
3. Cuniculos improbus est

Observamos que, no enunciado 1, o verbo *Videt* inicia a frase, porque em latim clássico não se seguia a ordem direta da língua portuguesa: Sujeito + Verbo + objeto/Complemento. Assim, para sabermos quem era o sujeito da frase, precisaríamos observar a terminação dos termos. *Paulus* corresponde ao sujeito. *Petrum* equivale ao

acusativo que, em português, conhecemos por objeto direto. Assim, a tradução literal do enunciado 1, é a seguinte: *Vê Paulo Pedro*; em português, *Paulo vê Pedro*. Observem que os verbos se encontram na terceira pessoa do singular.

Na frase 2, já notamos diferenças, pois a frase se inicia com o sujeito e termina com o verbo. Traduzindo, temos: “Cavalo grande é; em português, “O cavalo é grande”. No enunciado 3, o mesmo acontece, a frase é iniciada pelo sujeito e termina com o verbo. Assim, temos a seguinte tradução: “Coelho mau é”; para o português, “O coelho é mau”.

O latim clássico sofreu diversas mudanças em sua estrutura, pois, nessa modalidade, não havia artigos; dessa forma, segundo Banza e Gonçalves (2018), os substantivos eram determinados através dos pronomes demonstrativos que significavam coisas próximas. Por exemplo, “um certo Paulo”. O latim vulgar passou a usar os pronomes *ille*, *illa*, *illud*, que significam “aquele”, “aquela” e aquilo. À medida que a língua se vulgarizava, tornava-se mais próxima às línguas românicas. Foi no latim vulgar que os pronomes já citados se transformaram nos artigos “a”, “o”, “os”, “as”. Os pronomes *uns*, *unum*, *una*, *umas* passam a ser os artigos indefinidos; “um”, “uma”, “uns”, “umas”.

Essas mudanças do latim clássico para o vulgar nos revelam que não é de hoje que a língua do povo, considerada sem prestígio, evolui tão rapidamente. As pessoas estão sempre criando termos no dia a dia e, conseqüentemente novas palavras passam a integrar o vocabulário da língua. Listaremos abaixo seleções de palavras do *Appendix Probi*, cujo autor é desconhecido, que possuem termos em latim clássico considerados corretos e em latim vulgar considerados errados. A listagem abaixo foi retirada de Oliveira (2015, p.15).

1. *Masculus non masculus*
2. *Vernaculus non vernaculus*
3. *Artitulus non articulus*
4. *Angulus non articulus*
5. *Vacua non vacua*
6. *Hercules non herculens*
7. *Columna non colomna*
8. *Aquaeductos non quiductos*
9. *Cithara non citera*

10. *Crista non crysta*
11. *Formica non furmica*
12. *Musivum non mus[e]um*
13. *Exequ [i]ae non execiae*
14. *Gyrus non girus*
15. *Miles non milex*
16. *Sobrius non suber*
17. *Barbarus non barbar*
18. *Equus non ecus*
19. *Carcer non car [car]*
20. *Theophilus non izophilus*
21. *Monofagia non monofagium*
22. *Calida non calda*
23. *Frigida non fricda*
24. *Vinea non vinia a*
25. *Tristis non tristus*

A lista de palavras acima ilustra as diferenças lexicais entre o latim vulgar e o latim clássico. Na passagem do latim clássico para o latim vulgar, surgiu o plural da língua portuguesa oriundo do acusativo latino. Os nomes femininos e masculinos terminavam em S, seja qual for a declinação, por isso tornou-se a marca de plural nas línguas românicas. Ex: *fructus, rosas, amicos*. Ilustraremos abaixo, no quadro1, as declinações nominais em latim clássico.

1ª declinação: nomes de tema “a”	<i>Luna, “lua”; puella, “menina”; poeta, “poeta”, masculino</i>
2ª declinação: nomes de tema em o, realmente masculinos, mas também neutros e femininos.	<i>Dominus, “senhor”; Ficus, masculino “figo”; Sonium, “sonho”, gênero neutro</i>
3ª declinação: nomes de tema em -I, dos três gêneros.	<i>Fur, “ladrão”, masculino; Aedis, “casa”, feminino; Nonem, “nome”, neutro.</i>
4ª declinação: tema em -U, dos três gêneros, porém o gênero neutro é mais raro.	<i>Exercitus, “exército”, masculino; Manus “mão”, feminino; Corno, “chifre”, neutro.</i>
5ª declinação: nomes de tema em -e femininos e raros masculinos.	<i>Res, “coisas”, feminino; Dies “dia”, feminino ou masculino.</i>

Quadro 1 - Declinações nominais em latim clássico.
Fonte: Adaptado de Autor (Basso e Gonçalves, 2010, p. 31)

Com o desenvolvimento dos termos plebeus e a sua dominação no âmbito da fala, houve simplificação das declinações; os gêneros femininos se tornaram aqueles com as terminações em -a, masculinos e neutros em -us, e masculinos e femininos comuns com a terminação em -e. O gênero neutro desaparece, passando a fazer parte do gênero masculino em latim vulgar. Outra característica no léxico do latim vulgar é o surgimento dos diminutivos.

2.2 Português Arcaico

Antes de chegar ao Brasil, no período das navegações, o português trilhou diferentes fases. É sabido que, quando os portugueses trouxeram a língua portuguesa ao solo brasileiro, essa já havia adquirido diferentes contornos em sua estrutura. Nosso foco será a constituição do léxico da língua portuguesa, ou seja, quais as implicações linguísticas para a formação do léxico. No aprofundamento da nossa investigação sobre as fases históricas do português,

constatamos que as modificações linguísticas não surgiram no período colonial; mas, desde a romanização da Península Ibérica.

O período do português antigo compreende desde a passagem do latim ao romance, surgido na região da Galiza, e avança até as primeiras manifestações escritas do português. O português arcaico tem início em fins do século XIV e início do século XV. Como ressalta Teyssier (2007), podemos constatar que o português, antes de adquirir as características atuais, originou-se do galego-português.

Tal como o castelhano, português originou-se de uma língua nascida no Norte (o galego-português medieval) que foi levado ao Sul pela reconquista. Quanto à norma, porém, o português moderno diverge do castelhano, pois vai buscá-lo não no Norte, mas sim na região centro-sul, onde se localiza Lisboa. (TEYSSIER, 2007, p. 20)

Os primeiros textos escritos datam do século XIII e são documentos públicos como títulos de compra e venda, testamentos, inventários, doações etc. “Textos historiográficos como crônicas e livros de linhagem, hagiográficos eclesiásticos e obras literárias; poesias dos cancioneiros e prosa das novelas de cavalaria” (SPINA, 2008, p. 44).

Com a independência de Portugal em 1143, o português se separa do galego. Conforme Matos e Silva (2006), o português arcaico surge na escrita da língua portuguesa com o Testamento de Afonso II, o mais antigo documento jurídico de 1214, e a Notícia do Torto, entre 1214 - 1216. Estes textos foram escritos em fins do século XIII. A cantiga da Ribeirinha também é considerada um marco, foi escrita na língua galego-portuguesa e dedicada à Maria Paes Ribeiro, a Ribeirinha, personagem que, segundo a história, era amante do rei D. Sancho I (1185 e 1212).

Abaixo, ilustramos um pequeno trecho da cantiga da Ribeirinha.

Cantiga de amigo

(A cantiga da Ribeirinha)

*No mundo non me sei
parelha
Mentre me for como me vai,
Ca já moiro por vos e ai!
Mia senhor branca e
vermelha, Queredes que vos
retraia Quando vos eu vi em
saia.
Mao dia me levantei*

Que vos entom non vi fea!

*E, a mia senhor, des
aqualha d'aver eu por vos
garvaia, pois eu, mia
senhor, dálfia nunca de
vos ouve nem ei valia d'Úa
correa.*

(SILVA, 2006, p. 27)

Com base nas análises feitas por Mattos e Silva (2006), o texto acima trata-se de uma cantiga de amor conhecido como Cantiga da Garvaia, do cancionero medieval português. A cantiga é dedicada a Maria Paes Ribeiro. No texto acima, podemos observar as características do português arcaico, como, por exemplo, o termo, *mia*, que se transforma no possessivo “minha”, através do processo de nasalização palatal. A palavra *queredes*, que, através do processo de síncope, retirada da letra “d”, transformou-se em “quereis”. Podemos encontrar alguns termos derivados do latim vulgar, como:

Latim vulgar	Latim clássico	Português
<i>fea</i>	<i>faeda</i>	<i>feia</i>
<i>muin</i>	<i>mult</i>	<i>muito</i>

Quadro 2 - Comparações entre o latim vulgar e latim clássico.
Fonte: elaboração da autora.

Abaixo ilustraremos, no quadro 3, as características do português arcaico, para que melhor compreendamos as peculiaridades da língua arcaica e o quão diferente era do português moderno.

Tônica	Átona
<i>Mia, mia, minha</i>	<i>Mia, mha, ma</i>
<i>Tua</i>	<i>Ta</i>
<i>Sua</i>	<i>Sa</i>

Quadro 3 - Características do português arcaico Possessivos femininos.
Fonte: Adaptado de Autor (teyssier 2019, p.37)

É comum vermos textos arcaicos com as formas dos possessivos acima. Os artigos foram derivados das antigas formas dos demonstrativos latinos que eram: *ille, illa, ilude*, que se transformaram em: “lo”, “la”, “los”, “las”, e, posteriormente, tornaram-se: “o”, “a”, “os”, “as”. Isso porque as palavras terminadas em vogais perderam o -l- intervocálico. Uma

curiosidade em estudarmos a história da língua portuguesa é a informação que os dados nos dão sobre a formação do plural da língua. Por exemplo, nomes e adjetivos terminados em *-l* mantêm-se no singular com a terminação em *-l*, porém, com perda da letra “l”, formam os plurais por exemplo: sinal, sinais. No português arcaico havia também o uso dos advérbios anafóricos, oriundos do latim *hic*, que significa “aí/aqui”, originado do latim *ibi*.

Os nomes com “cl”, “fl”, “pl” precedidos de consoante, palatalizaram-se em “ch”, assim, temos:

masclu > macho; inflare>inchar; implere > encher.

2.3 Português Clássico

Um grande marco para o surgimento do português clássico (1415 a 1472), é a obra *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, que trata das navegações portuguesas e, conseqüentemente, sobre o fato de a língua foi levada a vários países. Segundo Basso e Gonçalves (2010), “nessa altura, Portugal já conhecia, além das ilhas da madeira, os Açores, bem como Cabo Verde, a América, a África e também vários domínios na Ásia, como Damão, Macau, Ceilão (Sri-Lanka), Bombaim etc.” (BASSO; GONÇALVES, 2010, p. 98).

Foi nessa fase que surgiram as primeiras gramáticas da língua portuguesa: a de Fernão de Oliveira, *Gramática da língua portuguesa*, de 1536; a de Joao de Barros, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, de 1540; a de Duarte Nunes de Leão, *Ortografia da língua portuguesa*, de 1576. É nessa fase do português clássico que surge também a preocupação em normatizar a língua, ocasionando o aparecimento das primeiras gramáticas da língua portuguesa.

No século XVI, a língua teve influências do Renascimento e dos modelos gregos, fato importante para a estruturação da língua portuguesa. A obra de Camões se aproxima do português contemporâneo, porém, ainda é possível perceber várias diferenças em relação à estrutura sintática da língua e aos termos eruditos que caíram em desuso. Com base em Loyola (2010), a expansão ultramarina foi um fator extremamente importante para a ampliação da língua portuguesa, enfoque este que contribuiu para a inspiração de *Os Lusíadas*.

A partir do século XV, através da expansão marítima, os portugueses descobrem novas terras e a elas levam a sua língua, estendendo deste modo o espaço geográfico em que a língua portuguesa serve, com mais ou menos alterações relativamente a do tipo que a divulgou, de língua de comunicação em várias nações do mundo. (LOYOLA, 2010, p. 15)

2.4 Português Brasileiro

O período das grandes navegações, como ressaltado, foi crucial para a implantação da língua no Brasil: a ocupação dos portugueses no Brasil, em 22 de abril de 1500 e a colonização portuguesa em 1532 foram marcos históricos para o surgimento do português brasileiro. Ressaltamos que, antes da chegada dos portugueses em solo brasileiro, assim como na Península Ibérica, em relação à chegada dos romanos, havia povos que já habitavam o Brasil, povos com costumes, linguagens e crenças diferentes dos portugueses. Esses povos foram denominados pelos europeus como “Índios”.

A língua portuguesa e as línguas faladas pelos índios tiveram, por algum tempo, um período de bilinguismo, mas os índios eram obrigados a aprender o português. Eram os jesuítas que ficavam encarregados de ensinar aos índios a língua portuguesa e os costumes europeus. Vários termos na língua portuguesa são de origem tupi, principalmente no que se refere à fauna e à flora brasileira. No que se refere à fauna, temos: *tatu, quati, jiboia, arara, araponga, tanguear* etc. Em relação à flora, podemos encontrar termos como: *caju, ananás, abacaxi, mangará, pacova* etc.

Nesse período, a língua portuguesa fica mais próxima do português contemporâneo, ainda há muitas diferenças, mas o contato dos portugueses com outros povos determinou o léxico do português brasileiro. Segundo Ismael Coutinho,

Transportada para terras tão distantes, em que o clima, a topografia, os costumes, as crenças, as instituições sociais, os hábitos linguísticos eram os mais diversos, o português não pôde manter aspecto rigidamente uniforme, mas fracionou-se numa porção de dialetos. (COUTINHO, 2010, p. 11.)

Foi, portanto, nesse período que o português brasileiro adquiriu influências linguísticas de outros povos, tornando-se diferente do português europeu. Outro evento histórico influenciou a formação do vocabulário português: a vinda dos escravos para trabalhar nas lavouras brasileiras, a priori no Nordeste, nas terras onde se produziam canas de açúcar. Nossa língua possui diversos termos de origem africana. As palavras africanas são predominantes no vocabulário do português brasileiro quando se trata da culinária, das danças e das religiões de matriz africana; como exemplos, há termos como *axá, caçula, moleque, molambo, cachaça, senzala, mucama, mocambo, quilombo*.

No próximo capítulo, abordaremos sobre as alterações lexicais do português, destacaremos a origem de algumas palavras e faremos uma concisa apresentação sobre a história da ortografia.

3 FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Mediante os estudos teóricos abordados, sabe-se que, antes da língua portuguesa chegar ao Brasil, ela já havia se modificando bastante. Conforme Castro (2006), a história da língua pode ser compreendida sob duas formas; a primeira, desde a transplantação da língua na área, que, segundo o autor, era localizada na Galícia Magna até as descobertas de novas terras, momento em que as línguas instalaram-se nas ilhas atlânticas desabitadas. Como é sabido, os portugueses trouxeram a língua portuguesa para as terras brasileiras em 1500, quando o português entra em contato com as línguas indígenas presentes em solo brasileiro. Na história do português encontramos grande influência das línguas indígenas, inclusive, como já mencionado, o português e as línguas Tupis conviveram lado a lado durante algum tempo, gerando uma situação bilinguismo.

Basso e Gonçalves (2010) afirmam que não há datas exatas para a periodização do português, há apenas uma aproximação para nos localizarmos cronologicamente. Nesta seção, será enfatizado o motivo pelo qual esta pesquisa foi impulsionada. Procuramos descobrir as razões pelas quais o português tanto se modificou desde o surgimento das línguas românicas à atualidade. Buscamos bases teóricas para não nos basearmos em uma visão empírica. Mediante nossos estudos, concluímos que o valor semântico de algumas palavras mudou ao longo do tempo, bem como a estrutura das palavras. Vemos, no quadro abaixo, uma tentativa de periodização da língua portuguesa de acordo com as mudanças linguísticas ocorridas durante certas fases ou períodos históricos.

Época	Leite de Vasconcelos	Serafim Silva Neto	Pilar Vquez. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	Pré-histórico	pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
até 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385-1420	português arcaico	trovadoresco	gal.-português	port. antigo
até 1536-1550		port. comum	port. pré-cláss.	port. médio
até séc. XVIII	português moderno	port. moderno	port. clássico	port. clássico
até séc. XIX-XX			port. moderno	port. moderno

Quadro 4 - Periodização da língua portuguesa.
Fonte: Castro, (2004, p. 83).

No capítulo anterior, descrevemos um conciso panorama histórico da língua portuguesa, para que pudéssemos compreender sua trajetória. Neste Capítulo, apresentaremos algumas mudanças semânticas, morfológicas e fonológicas das palavras. Não abordaremos todas as alterações ocorridas nas palavras devido à extensão do assunto. Mas, reconhecer tais mudanças nos ajudará a compreender melhor nossa língua.

Para que entendamos melhor as transformações lexicais, é relevante que tenhamos conhecimento acerca dos metaplasmos que, segundo Oliveira (2015), consistem nas transformações fonéticas. Abaixo, o quadro ilustrativo dos metaplasmos da língua portuguesa.

Metaplasmos por aumento	
Prótese	Scutare > escutar
Epêntese	Estalar>estralar
Paragoge	Ante>antes
Ditongação	Sto> estou
Metaplasmos por subtração	
Aférese	Acume>cume
Síncope	Malu>mau
Haplologia	Bondadoso>bondoso
Elisão	De o > do
Eclipse	Com a > co' a
Crase	Fusão de duas vogais iguais Mala >maa>má
Monotongação	Fructu>fruito>fruto
Metaplasmos por transposição	
Metátese (deslocamento de fonema na mesma sílaba)	Semper > sempre Pro> por
Hipértese (deslocamento de fonema de uma sílaba para outra)	Capio>cabio> caibo Rabia>ravia> raiva
Hiperbibasmo	
Diástole	Avanço do acento tônico Cátedra>cadeira Océanu>oceano
Sístole	Recuo do acento tônico Idólu>ídolo Éramos>eramos

Quadro 5 - Quadro ilustrativo sobre os metaplasmos, com base no livro: *Cattus, feles ET pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas*.

Fonte: Oliveira (2015, p. 15)

A compreensão dos metaplasmos ajudará a entendermos as mudanças que as palavras adquiriram no decorrer do tempo. No novo acordo ortográfico da língua portuguesa consta

que a palavra “pôr” recebe acento para que seja diferenciada da preposição “por”, se analisarmos a trajetória do português brasileiro (PB, doravante) veremos que o verbo “pôr”, como asseveram Matos e Silva (2006), tem origem no antigo verbo “poer” do português arcaico. A conjunção “porém” se origina da arcaica conjunção “pero”, ocorrendo, assim, o metaplasmo chamado de “epêntese”.

Desde o surgimento dos romances na Península Ibérica, as pessoas já tinham dificuldades em compreender o latim, pois o latim vulgar havia se misturado com as características do romance local. Em galego português alguns vocábulos perdem o “n” como em: Luna > lûna > lûa > lua. Um fato interessante é que, em espanhol, o “n” permanece como em, por exemplo, Luna “em espanhol, para o português “Lua”. O conhecimento sobre a evolução do PB nos explica o motivo pelo qual o português e o espanhol são tão parecidos, ora, são línguas oriundas do latim vulgar. Segundo Cardera (2006), há várias características que distinguem o português do século XII e XIV em relação ao português do século XXI. A abundância de hiatos, segundo esse autor, era frequente no português antigo. Como, por exemplo, as seguintes palavras: *Vii > vi*, *Soo > só*, *Vĩ-O > vinho*, *Mâ-o > mão*, *Tea > teia*. A síncope da letra -d- na segunda pessoa do plural também ocorre em: *Estades > estais > estais*, *vendedes > vendees > vendeis*.

Outra característica do português antigo é *queredes*, na flexão verbal, o T latino tinha, quando intervocálico sonorizado. Assim, todas as formas de segunda pessoa do plural apresentavam, no português antigo, um d em contexto intervocálico (*amades*, *faredes*, *ouvide*, etc.). Esse -d- acabará por sincopar: no início do século XV, alternavam ainda, formas não sincopadas e sincopadas. (CARDEIRA, 2006, p.53)

Basso e Gonçalves (2010) sustentam que o -n- intervocálico cai na maioria das palavras, o que afetou o galego-português; o autor cita exemplos como: *manu > mǎnu > mão*, *bônus > bōnu > boõ > bom*, *arena > arêa > areia*. O estudo do étimo das palavras nos possibilita fazer relações entre os termos usados na atualidade e os termos antigos como, por exemplo, a palavra “chão”, derivada do latim popular “*planum*” e do latim erudito “*plano*”. Se fizermos associações com a palavra em português “chão”, percebermos que, de fato, há relação entre ambos os termos.

Em questões referentes à ortografia, as análises documentais nos explicam fatos que as gramáticas não nos revelam. As palavras escritas com “ç” são grafadas assim devido à sua etimologia terminada em “tio” em latim. Como exemplo desse fenômeno, podemos citar palavras como *occupatio > ocupação*. A palavra “saber” tem como raiz *sap* com junção do

sufixo *-idus*, *sapidus*. E assim as palavras são formadas; por sufixos, prefixos, e são modificadas ao longo do tempo.

Além das associações a níveis lexicais, constatamos que as palavras podem mudar de significados ou adquirirem outras significações. Garcia (2001) destaca que uma das mudanças semânticas das palavras se refere à “polissemia”, que se trata de um novo sentido que as palavras adquirem além da significância original.

A palavra gato, do latim *catu(m)*, servia para indicar originalmente um tipo de felino de pequenas dimensões: como este tem o hábito de andar silencioso e furtivamente, a palavra gato adquiriu, por um processo metonímico, de associação entre o modo de andar de um ladrão, *gatuno*. (GARCIA, 2010, p.67)

Assim, a maioria das alterações lexicais pode ser explicada mediante os estudos diacrônicos da língua. O latim vulgar cada vez mais se simplificava em relação ao latim clássico, aproximando-se gradativamente do PB. Conforme Silva (1946), no latim vulgar houve tendências para substantivar os adjetivos, dessa forma, palavras como: *tempus aestivos* tornou-se *aestivus* no latim vulgar e *estilo* no PB. Entendemos que a tendência da língua é simplificar-se cada vez mais para atender aos falantes, fato observado na passagem do latim clássico para o latim vulgar, em que houve simplificação do vocabulário, preferência pelo uso de preposições em vez das declinações e o uso dos demonstrativos *illas mensas* em vez de *mensarum* – esta terminação corresponde ao genitivo latino terminado em *arum*. Com base em Silva (1946, p.49),

A lei do menor esforço, isto é, a tendência para simplificar sempre mais a fala, levou o povo a alterar o latim, modificando-o de acordo com influências que podiam ser resultantes do desejo de fugir a dificuldades naturais da língua ou consequências da imitação de outras línguas. (SILVA, 1946, p. 49).

O processo de mudanças na estrutura da língua é um percurso natural cujo objetivo é tornar a linguagem mais acessível. Esses conhecimentos históricos nos esclarecem o motivo pelo qual não compreendemos os textos medievais, clássicos ou mesmo textos do século XX. As fontes que comprovam sobre as mudanças do PB são os textos e obras de literatura que, assim como a língua, estão relacionados com o desenvolvimento da sociedade, levando em conta os aspectos culturais de uma época.

No início do século XV, a língua passa por várias transformações, é nesse século que adquire sua independência nacional, fato conhecido como “Aljubarrota”, quando João I é aclamado rei. Surgem, então, interesses pela tradução de crônicas e de leituras das novelas de cavalaria, impulsionando, assim, o surgimento da historiografia. João I impulsionou a

tradução do Novo Testamento em português, e Duarte escreveu o *Leal conselheiro*. Todos esses acontecimentos históricos e o surgimento de crônicas, poesias e traduções fomentaram o enriquecimento da língua portuguesa, deixando-a mais próxima dos falantes. Tomado o poder, João I forma uma corte que valorizará a cultura, assim, a produção literária aumentará, contribuindo para o desenvolvimento da língua.

Em relação aos textos do século XVI, é natural que tenhamos dificuldades em compreendê-los, pois a forma como eram escritos, em níveis lexicais, morfológicos, e fonológicos, é bastante diferente do PM. Vejamos um fragmento do Texto *Leal conselheiro*, de Duarte:

O LEAL CONSELHEIRO.

Em nome de nosso senhor jhũ xpõ com sua graça.
E de sua muy sancta madre nossa senhora sancta maria. Começasse o trautado q se chama leal conselheiro o qual fez D. Eduarte pella graça de deos Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta. Arrequerimento da Muy excellente Reynha dona Leonor sua molher.

~~~~~  
Figura 1 – Escrita do Português Arcaico. Fonte: DUARTE, 1843, p.15.

O texto acima é apenas um fragmento para que conheçamos o português arcaico. Ao lermos, é notório que esse português é completamente difícil de entender, embora não saibamos o significado de todas as palavras, ao entendermos o contexto histórico fica mais fácil compreendermos a língua. No trecho acima, em comparação ao PM, são perceptíveis as mudanças, tais como: na palavra *sancta*, houve a supressão da letra “c”, fenômeno que chamamos de “síncope”; a palavra Mulher era escrita “Molher”, com a letra “o”. Era comum ainda, no português arcaico, o uso da letra “y” no lugar de “i”. A palavra “*madre*”, de origem latina, significa “mãe”, e ainda continua com a mesma grafia em espanhol.

Cardeira (2006) aponta que o desenvolvimento da produção literária contribuiu para a evolução da língua. Escolhemos as fontes literárias para análises do vocabulário devido ao fato de a literatura nos oferecer subsídios necessários para fazermos comparações em relação aos estágios língua portuguesa (LP, doravante) desde o português arcaico (PA, doravante) ao português moderno (PM, doravante) As primeiras manifestações literárias são conhecidas por “Trovadorismo”, são manifestações que surgiram no século XII, na Idade média. O período

aqui abordado é, de fato, extremamente diferente do atual contexto em que vivemos, então, é natural que a língua também seja.

Os textos, nesse período, foram preservados, segundo Abaurre (2016), devido às coletâneas manuscritas ou “cancioneiros”. São estes: Cancioneiro da ajuda, Cancioneiro da Vaticana e Cancioneiro da Biblioteca Nacional. As produções literárias eram escritas por nobres que tinha escola, biblioteca e escrivães. Cardeira (2006) sustenta que se traduziu grande parte do Novo Testamento e D. Henrique escreveu, segundo o autor, um tratado de teologia. Todas essas produções literárias contribuíram com a formação da língua.

Analisaremos agora uma cantiga de amor para fazermos comparações entre as palavras do P.A e o P.M.

### **Cantiga d’amor de refrão**

*Quantos na Fran coita d’amor  
Eno mundo, qual og’ eu sei,  
Querrian morrer, eu o sei,  
O averian én sabor.  
Mais mentr’ eu vos vir mia senhor  
Sempre m’Eu querria viver,  
E atender e atender  
Pero ia non posso guarir,  
Ca ja cegan os olhos meus  
Por vos, e non me val i Deus  
Nem vos; mais por vos non mentir,  
Enquanto ‘eu vos, mia senhor, vir ‘  
Sempre m’eu querer viver,  
E atender e atender!*

(Maria Luiza M.Abaurre, 2016, p. 116)

As diferenças na língua são notórias, a palavra *non*, em português arcaico, significava “não”, na cantiga acima há também a formação da frase - *mia senhor*, muito comum nas cantigas trovadorescas. A preposição *pero* significa “ainda que”. Outra característica no texto acima é o uso da palavra *queriam* com “rr”, que tem por definição “querem”, em português. Os textos escritos em galego-português constam na fase do português arcaico (século XII ao século XV), nesse período, destacam nomes como; Rui de Pina e o rei Dinis, rei trovador que tornou obrigatório o uso da língua portuguesa.

Em P.A., vimos que as palavras eram constituídas por muitos hiatos como em: ceeu >céu; veer >ver. Conforme Cardeira (2006), a gramática de Fernão de Oliveira propõe a grafia <y> como semivogal, que posteriormente se tornará “i”: Seyo > Seno > sêo > seio.



Enquanto não se consolida a ortografia da língua portuguesa, as palavras irão passar por diferentes adaptações até que cheguem aos termos que conhecemos.

Por meio dos fragmentos citados, pudemos compreender o motivo pelo qual pode se tornar até impossível entendermos os textos das épocas precedentes. Isso devido às palavras e à estrutura sintática serem bastante diferentes das que utilizamos atualmente.

### 3.1 Características do Português Brasileiro

Para o aprofundamento quanto ao estudo do léxico, retomamos os dados históricos que fizeram parte desse processo. Conforme Teyssier (2004), o renascimento, juntamente com o humanismo, o italianismo, a contrarreforma, a censura inquisitorial, a educação dos índios recebida pelos jesuítas e o romantismo, dentre outras questões, foram acontecimentos que influenciaram no vocabulário português.

O português clássico, para alguns autores, teve início com a publicação de *Os Lusíadas*, de Luís vez de Camões, importante obra para o português clássico. Como discutido anteriormente, a periodização da língua portuguesa serve para nos auxiliar em relação à história da língua, mas isso não significa que as datas são exatas. Nesse período, o português recebeu influências do renascimento e os textos procuravam imitar os modelos clássicos, dessa forma, as palavras latinas influenciaram bastante nesse período.

Segundo Spina (1987), a publicação de *Os Lusíadas* divide a língua em duas fases: arcaica, do século XII ao século XVI e moderna a partir do século XVI. Neste século, o renascimento tem influência na língua portuguesa, assim, as obras procuravam imitar os modelos clássicos como é o caso de *Os Lusíadas*. Outro fato importante é que os latinismos enriqueceram a língua portuguesa. Com base em Spina (1987), em *Os Lusíadas* são encontrados termos latinos tais como: *incola, plaga, tuba, avena, sumo, prisco, insano, férreo, lácteo* etc.

Os latinismos tiveram ênfase nesse período, à medida que novas obras foram surgindo, a língua ganhava e ainda ganha novas características; hoje, é mais comum a criação de neologismos. Com relação à sintaxe, esta é mais difícil, devido à estrutura da língua portuguesa (sujeito +verbo +complemento). Destacamos a forma como as obras eram escritas em séculos anteriores, devido ao suporte que nos dão para conhecermos as transformações lexicais. Constatamos que, a cada estilo de época, novas palavras eram incorporadas ao léxico português.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o português europeu (P.E, doravante) entrou em contato com as línguas indígenas, que já existiam desde o período da colonização. A língua teve fases formativas em seu desenvolvimento. Basso e Gonçalves (2010) defendem que a maior parte das mudanças ocorridas no P.E. ocorreram na linguagem coloquial, o que nos leva à prova, mais uma vez, de que a língua falada muda com maior facilidade por meio do contato.

Para que o português se tornasse língua oficial, ocorreram vários movimentos políticos, dentre eles, a proibição da língua indígena em 1727. Basso e Gonçalves (2010) salientam que os índios foram obrigados a se converterem ao cristianismo e a aprenderem o português, essas medidas foram criadas pelo Marquês de Pombal.

Houve um grande percurso para que a língua se tornasse a que conhecemos hoje. Houve o período da escrita, em 1800, no qual são notáveis as peculiaridades do P.B., como: a queda do “r” em final de alguns verbos; calor, *calô*; receber, *recebe*; buscar, *buscá* etc. As abreviações também foram constantes nesse período. Com relação à abreviação, conhecemos o metaplasmo aférese, como: “está” por “tá”, “para” por “pra”, entre outras abreviações. À medida que os portugueses dominavam a colônia, impunham seus costumes aos indígenas, de modo que a língua portuguesa tivesse domínio sobre as línguas indígenas.

Os estudos linguísticos, sérios e imparciais, aplicados ao Brasil, fazem-nos concluir que a nossa língua nacional é a língua portuguesa, com pronúncia nossa, algumas leves divergências sintáticas em relação ao idioma atual de além do mar, e o vocabulário enriquecido por elementos indígenas e africanos e pelas criações e adoções realizadas em passo meio. (BECHARA, 2010, p.73).

E assim, a língua adquiria novas características, novas palavras eram incorporadas ao português brasileiro, tornando-o diferente do de Portugal. A história da cultura brasileira está relacionada diretamente com a história da língua, pois, com base nos dados históricos, sustentamos que a língua exerceu grande influência no processo de dominação, uma vez que prevalecera a língua considerada culta na época, o português. Quanto às línguas indígenas, estas foram vistas como línguas inferiores pelos portugueses.

As diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil começaram desde a época da colonização, em que a língua entrou em contato com várias outras línguas, por isso, temos no nosso léxico palavras oriundas de diversas contribuições linguísticas. A história da língua faz parte da miscigenação do povo brasileiro, constatação útil para compreendermos a língua em destaque e a ortografia brasileira.

Ressaltamos, ainda, que apesar de a estrutura do português brasileiro e a do português de Portugal serem as mesmas, muitas palavras em P.B podem ter outras significações diferentes do P.E. Bechara (2010) argumenta que há diferenças na pronúncia, mas as classes gramaticais são as mesmas.

Situamos, primeiramente, a característica do português arcaico com as cantigas trovadorescas comentamos sobre a obra *Os Lusíadas*, a qual é uma riquíssima fonte do português clássico. É oportuno que comentemos também sobre o período do romantismo, no qual se destaca José de Alencar com suas obras *Iracema* (1864), *O guarani* (1999), *Ubirajara* (1874) dentre outras.

No romantismo nasce o espírito de nacionalismo e as obras literárias irão refletir essa realidade. Foi o desejo de entendermos o motivo pelo qual as obras literárias eram tão difíceis de serem compreendidas que nos impulsionou a percorrer a história da língua portuguesa. Acreditamos encontrar razões plausíveis através do estudo histórico dessa língua.

Apresentaremos um fragmento da obra *Iracema* (1864), de José de Alencar, para mostrarmos alguns termos indígenas presentes nesse livro. Com base em Cândido (1999), as primeiras manifestações literárias no Brasil eram para descrever as belezas naturais da terra, o autor cita nomes como: Gabriel Soares De Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão que descrevem o Brasil para o rei de Portugal. Então, o romantismo surge para reivindicar o espírito nacionalista do país e isso refletirá na língua, o indígena passa a ter destaque, principalmente nas obras de José de Alencar.

Nosso objetivo não consiste em fazer análises sobre o período do romantismo, mas em enfatizar que esse episódio contribuiu também para a formação da língua, cada escola literária traz consigo marcas de uma época, termos que predominavam em um dado momento, e só é possível conhecermos as diferentes fases da língua através dos escritos. A seguir, uma passagem escrita por José de Alencar:

[...] a gracioso ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outra remexe o UTI de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crauá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. (ALENCAR, 1984, p.15).

A leitura do livro *Iracema* pode ser árdua para leitores que não conhecem a história da colonização. José de Alencar usa o romance de Iracema e Martim para metaforizar a constituição do povo brasileiro, formado também pelo índio e o europeu; é através do romance da Índia Iracema com o europeu Martim que nascerá a população brasileira. Saber a história é relevante, mas o que nos importa é o léxico utilizado na obra. O livro em si é

constituído por vários termos indígenas, mas, no fragmento acima, encontramos algumas palavras como: *ará*; periquito; *uru*, cestinho de cofre; *crautá*; bromélia; *Juçara*.

Para a formação do léxico, o português teve muitas influências linguísticas. Na língua portuguesa há várias palavras de origem árabe, germânica, tupi, espanhola, italiana, celta, grega, francesa, inglesa, dentre outras. As palavras de origem celta são: *camisa, grama, peça, bico, carro, légua, saia, cambiar, carpinteiro*, dentre outras. Silva (2010) pontua que os gregos chegaram à Península por volta do século VII a.C. Os romanos tiveram influência da cultura helênica mesmo tendo conquistado as colônias gregas. Das palavras de origem grega, podemos citar: *filosofia, academia, escola, liceu, bíblia, anjo, crisma, teatro, apóstolo, esfera etc.*

O léxico do português possui muitas palavras de origem espanhola, afinal, espanhol e português são línguas semelhantes, ambas são filhas da língua latina. Dentre os termos de origem espanhola, temos: *pandeiro, vislumbre, rebelde, cordilheira, neblina, pirueta etc.* Há ainda termos de origem Alemã, dentre estas palavras, temos: *manganês, níquel, zinco, gás etc.* Com base na história da formação lexical da língua, compreendemos o motivo pelo qual português e espanhol são línguas semelhantes, uma explicação é o fato de ambas serem línguas oriundas do latim; no entanto, o francês também é uma língua românica, mas não há muita semelhança com o português. Abaixo o quadro ilustrativo das semelhanças entre os termos dos idiomas citados.

| <b>Espanhol</b> | <b>Português</b> |
|-----------------|------------------|
| Madre           | Mãe              |
| Padre           | Pai              |
| Blanco          | Branco           |
| Luña            | Lua              |
| días            | Dias             |
| lluvia          | Chuva            |
| noche           | noite            |

**Quadro 6** - Semelhanças entre Português e Espanhol.

Fonte: elaboração da autora.

O português e o espanhol são línguas semelhantes, tanto que se torna mais fácil um nativo da língua portuguesa compreender o idioma espanhol. Observamos que algumas palavras em galego português permaneceram em espanhol, como é o caso de *luña* e *lluvia*. A palavra “*madre*” foi conservada nesse idioma, como já sabemos este termo vem do latim “*madre*>*mãe*”.

Silva (1987) considera que o espanhol era a segunda língua dos portugueses, considerados cultos na época. Muitos escritores escreveram em espanhol, como Gil Vicente, mas no século XVIII, o francês se tornou a segunda língua que de fato, tinha mais influência no vocabulário português; termos como “chefe”, “blusa”, “chique” etc. são de origem francesa.

| <b>Latinas</b>          | <b>Celtas</b>    | <b>Germânicas</b>    |
|-------------------------|------------------|----------------------|
| <i>Doctor</i> >mestre   | Saia             | <i>Werra</i> >guerra |
| <i>Divinus</i> >divino  | Cabana           | Trégua               |
| <i>Datum</i> >data      | Cerveja          | Bando                |
| <i>Canis</i> >cao       | Cavalo <caballus | Banco                |
| <i>Caput</i> >cabeça    | Manteiga         |                      |
| <i>Bônus</i> >bom       | Camisa           |                      |
| <i>Bellum</i> >guerra   | Lêgua            |                      |
| <i>Natura</i> >natureza | Lança            |                      |
| <i>Stella</i> > estrela | Coimbra          |                      |
| <b>Indígenas</b>        | <b>Africanas</b> | <b>Árabes</b>        |
| Mandioca                | Senzala          | Açafrão              |
| Caju                    | Batuque          | Açucena              |
| Maracujá                | Caçula           | Mulçumano            |
| Peroba                  | Maxixe           | Almoxarife           |
| Sabiá                   | Vatapá           | Açúcar               |
| Capivara                | Cafuné           | Azeite               |
| Ipê                     | Molambo          | Alfândega            |

|      |  |        |
|------|--|--------|
| Tatu |  | Fulano |
|------|--|--------|

**Quadro 7** - Origens de algumas palavras.  
Fonte: elaborado pela autora.

### 3.2 Consolidação da Ortografia

Por meio dos dados históricos, constatamos que os termos mudavam em vários aspectos linguísticos: léxicos, fonológicos, morfológicos e sintáticos. Vimos também que no período arcaico a língua era para os ouvidos, as cantigas trovadorescas eram cantadas. Ressaltamos que as palavras poderiam ter diferentes formas de escrita. Nesta seção, discutiremos sobre a consolidação da ortografia brasileira, assunto importante, já que estamos estudando a formação do léxico.

Azevedo (2008) aponta que a ortografia compreende três fases, sendo estas: ortografia fonética, século XIII ao século XVI; fase pseudoetimológica, período em que, segundo o autor, a escrita teve influência greco-latina devido ao período da Renascença; e a fase simplificada, que teve início com a publicação do livro *Ortografia Nacional* (1904), cujo objetivo era simplificar a língua portuguesa.

Furlan (2006) destaca que houve três períodos, sendo o primeiro a **fase fonética** e o segundo a fase da **etimologia**, no qual houve bastante influência do latim e do grego na língua portuguesa. Teve ênfase nesse contexto as palavras escritas com a letra h, citaremos alguns exemplos: *philosophia*, *pharmacia*, *rheumatismo* etc. O terceiro momento foi o **histórico-científico simplificada**, no qual houve a redução das letras germinadas, com exceção de **rr**, como afirma o autor.

Azevedo (2008) pontua o terceiro período da ortografia brasileira como *fase simplificada*, em que há destaque o trabalho de Gonçalves Viana, que, segundo o autor, publicou em 1904 o livro *Ortografia Nacional*, cujo objetivo era o de simplificar a ortografia do português e a regularização da acentuação gráfica.

As fontes históricas revelam-nos que a escrita procurava representar os sons da fala, mas, no primeiro período, como analisamos, a mesma palavra poderia ser escrita de diferentes formas. Em 1911 surge uma nova ortografia da língua portuguesa. Nessa fase, a ortografia era mais simplificada em relação aos períodos anteriores. Ressaltamos que a ortografia proposta visava a atender ao português de Portugal.

Em 1990, o acordo ortográfico foi assinalado por Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Em 2009 o novo acordo é adotado pelo Brasil, porém só passa a ser obrigatório em 2016. É importante mencionarmos

algumas alterações relacionadas às palavras. Algumas letras agora fazem parte do alfabeto brasileiro (“Y”, “K” e “W”), houve também a queda do sinal diacrítico conhecido por “trema”, passando a ser usado somente em palavras de origem estrangeira; podemos mencionar também a queda do acento agudo dos ditongos abertos das paroxítonas, dentre outras alterações. Apesar das tentativas de estabelecer uma escrita mais uniforme entre os países de língua portuguesa, ainda há particularidades na escrita utilizada em cada país; em Portugal, por exemplo, é comum que as palavras sejam escritas da seguinte forma: *ótimo*, *baptismo*, *acção*, *director*, enquanto que no Brasil são escritas assim: *ótimo*, *batismo*, *ação* e *diretor*.

#### 4 NOVAS CARACTERÍSTICAS DO LÉXICO

Em virtude dos dados apresentados em relação ao percurso histórico da língua, propomos, neste capítulo, apresentar as características do léxico na atualidade, enfatizando, assim, nosso objetivo de mostrar as alterações lexicais e implicações para a construção da L.P. Nos capítulos precedentes, traçamos um estudo da língua numa perspectiva diacrônica, que significa, de acordo com Saussure (1916), um estudo da língua através do tempo. Por meio desse estudo, conhecemos algumas características do português Arcaico e do Português Clássico. Nesta seção, abordaremos os estudos referentes à *sincronia* da língua, que se refere aos estudos da língua em um determinado momento. Neste caso, o estudo em foco são as características lexicais do português na atualidade.

Na língua falada, o português continua mudando, tanto em relação à perda fonética quanto ao acréscimo de novas palavras à língua. Esclarecemos que a estrutura da língua portuguesa não mudou, continua sendo: sujeito+verbo+complemento, quando há ruptura dessa estrutura os termos precisam ser intercalados por vírgula. Como em: *brincávamos, numa manhã de domingo, Afonso e eu*. É sugerível que escrevamos textos formais conforme a estrutura da língua para não confundir o leitor.

Com relação às alterações fonéticas, Carvalho (2015, p.172) afirma que “Estes mesmos fenômenos fonéticos continuam ocorrendo, e eles aparecem, com certa regularidade, em textos de estudantes nas séries iniciais”. Exemplos: *comcerteza*, *derrepente*; *alco* (<álcool). O autor, baseando-se na gramática normativa, constata que a língua do falante, com as supressões ou equívocos, acarreta conflitos consigo mesma. Apesar de a língua popular ser uma expressão antiga do latim (*sermo plebeus*), língua do povo, ainda há uma

língua considerada de prestígio, a norma padrão: usada em ambientes formais, na escrita acadêmica ou em documentos que exijam certa formalidade.

É comum que as pessoas escrevam da mesma forma que falam isso acontece em comunicações informais. No quadro abaixo, há algumas palavras que sofreram alterações na fala cotidiana. Para a construção do quadro abaixo, tivemos como suporte algumas palavras de Castilho (2010, p. 206). As alterações fonológicas testificam que as palavras continuam se alterando em relação ao aspecto fonológico.

| <b>Metaplasmo</b>                   |                                |
|-------------------------------------|--------------------------------|
| <b>Aférese</b>                      | Está > tá                      |
|                                     | Estou > tô<br>Amarelo > Marelo |
| <b>Apócope</b>                      | Vamos > vamo                   |
|                                     | Brincar > brincá               |
|                                     | Receber > recebê               |
| <b>Síncope</b>                      | Para > pra                     |
| <b>Ditongação de vogais tônicas</b> | Mês > mês<br>Luz > luis        |
|                                     |                                |

**Quadro 8** - Metaplasmos atuais.  
Fonte: adaptação da autora. (Castilho, 2010, p 206)

Argumentamos que a língua ainda está mudando e isso pode ser explicado devido aos fatores sociais, pois a língua está diretamente relacionada às mudanças que ocorrem na sociedade. Para Serafim (1986 p.15), “As línguas estão, pois, em perpétua mudança, embora só o repouso seja facilmente perceptível. A evolução explica-se, principalmente, pela descontinuidade da transmissão e pela própria constância do uso”. Com base nessa constatação, inferimos que as novas gerações podem desconhecer termos antigos devido ao fato de serem tão pouco usados, estes são levados ao esquecimento até cair em desuso, como é o caso de “lâmpião”, poucos jovens sabem o que é esse objeto que serve para iluminar.

As alterações estão presentes na fala, como pudemos ver no quadro acima. Com relação à escrita, esta possui um caráter conservador não permeável a alterações, estamos nos referindo à gramática normativa que é ensinada nas escolas. A L.P. apresentou-se de forma diferente do P.E., isto devido a várias contribuições linguísticas, como abordadas no primeiro capítulo. Mas é oportuno que não deixemos de mencionar as diferenças regionais da língua



falada, ou seja, as pessoas de cada estado brasileiro costumam nomear as coisas de formas diferentes, a pronúncia também não é a mesma.

A variação regional é classificada por Rodolfo e Illari (1999) como **variação diatópica**, ou seja, nas regiões podem ter diferentes nomeações para os objetos. Em alguns lugares do Brasil, “mandioca”, como os tocantinenses a denominam, pode ter outros nomes em outras regiões, por exemplo, “macaxeira” e “aipim”. A palavra “lanternagem” pode ser conhecida por “funilaria”. O que pretendemos abordar com esses exemplos foi o fato de as palavras, além de mudarem com o tempo, terem diferentes nomeações em algumas regiões brasileiras.

Ainda sobre a variação linguística, Cunha (2010) aponta a variação **diatrática**, que se refere aos níveis socioculturais da língua, ou seja, língua culta e língua vulgar. A classificação entre língua culta e língua vulgar, como pudemos constatar, surgiu desde a dominação do Império Romano. Para exemplificarmos sobre os aspectos da variação linguística, tomamos como suporte à abordagem de Cunha (2010, p. 3):

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais. (CUNHA, 2010, p. 3).

Apesar das alterações, ainda é possível nos comunicarmos, o fato é que a língua evolui. Podemos comprovar essa afirmação através dos fragmentos de textos arcaicos. Mas o que está em ênfase nesta seção é explorarmos a língua na atualidade, especificamente as palavras; e não poderíamos deixar de mencionar os aspectos fonológicos, já que é na língua falada em que ocorrem mais alterações.

Outro exemplo das alterações lexicais é o processo de **gramaticalização**, Rodolfo e Illari (2006) destacam que é quando uma palavra assume outras funções gramaticais, como o antigo *vosmecê* que era utilizado como forma de tratamento e, posteriormente, tornou-se o conhecido pronome pessoal *você*. O pronome pessoal *tu*, hoje, é pouco utilizado. Isso nos comprova que os termos continuam caindo em desuso.

Para aprofundamento acerca da diversidade da L.P., é necessário que compreendamos alguns termos que serão discutidos adiante. Abordaremos a classificação de alguns termos. Tivemos como base Castilho (2010, p.113 -114). Os exemplos que abordamos foram baseados em nossas observações cotidianas:

- **Neologismo:** criação de palavras que não são oriundas da língua de origem, Castilho (2010) cita como exemplo a palavra *coisa*;

- **Etimologia:** quando um item da palavra presente na língua de origem é inserido na língua atual.
- **Empréstimos:** são importações de palavras de origem estrangeiras já consagradas e incorporadas à nossa língua possuem alterações na grafia e/ou pronúncia. Ex: Futebol do inglês, fut, pés e bool, bola.
- **Estrangeirismos:** palavras que entram no léxico português sem que tenham seu uso consagrado, não há alteração na grafia ou pronúncia dessas palavras como: facebook fitness, Show, Mouse etc.

Com o conhecimento das diferentes influências que acontecem em torno da língua, poderemos compreender os processos que contribuíram para formação do léxico e incorporação de novas palavras à língua.

Para Castilho (2010), existem cinco eixos da diversidade do P.B., sendo estes: a) *variação geográfica*, que, como já mencionamos, são as características de cada região; b) a *variação sociocultural*, que está relacionada aos níveis de escolaridade das pessoas, ou seja, as pessoas analfabetas não falam da mesma forma que as pessoa escolarizadas, a partir daí há distinção entre a língua da classe dominante e a língua da classe dominada – evento comum ao da Península ibérica quando os romanos a invadiram; c) *variação individual* que é a forma como cada um fala; e d) *variação canal*, que se refere aos interdiscursos linguísticos.

Estudar a formação do léxico de uma língua deve ser uma tarefa bastante abrangente, pois precisamos levar em conta os vários fatores que contribuem para os fenômenos de alterações, como as diferenças na pronúncia, os termos que não são mais utilizados, o contexto em que as palavras são empregadas e a incorporação de novas palavras ao léxico. Cabe ainda classificarmos algumas palavras na L.P., que, apesar de se referirem ao mesmo item, possuem outras denominações em Portugal.

| <b>Portugal</b> | <b>Brasil</b> |
|-----------------|---------------|
| Peão            | Pedestre      |
| Grossista       | Atacadista    |
| Comboio         | Trem          |
| Bixa            | Fila          |
| Sida            | Aids          |
| Hospedeira      | Aeromoça      |
| Reformado       | Aposentado    |

**Quadro 9 - Diferenças Lexicais.**

Fonte: Elaboração da autora.

Apesar de o Brasil ter sido colônia de Portugal, isso não significa que todas as palavras são as mesmas, como vimos nas seções precedentes, o P.B. recebeu várias contribuições linguísticas. Contudo, a estrutura da língua é a mesma.

**4.1 Os Estrangeirismos na Língua Portuguesa**

Para discutimos sobre os estrangeirismos presentes na L.P. precisamos entender o processo de globalização, que visa a aproximar as pessoas de toda parte do mundo através dos meios de comunicações, transportes, produtos importados etc. Como um processo de deslocamento de povos de um país a outro, com base em Hall (2010), a globalização acarreta a fragmentação das identidades, ou seja, o mundo fica cada vez mais globalizado e as regiões compostas por povos de várias localidades. Há também os fatores de migração que contribuem para a fragmentação das identidades, pessoas cada vez mais próximas, com culturas cada vez mais entrelaçadas. Nessa abordagem, o que queremos enfatizar é que esses enfoques contribuíram para a diversidade linguística e as influências no léxico do português.

Com base em Santos (2008), a língua inglesa predominou após a Segunda Guerra Mundial. Com a elevação dos Estados Unidos, os anglicismos americanos propagaram-se em todas as línguas do globo. Assim, há muitos estrangeirismos presentes na L.P., na tecnologia é predominante o uso de palavras em inglês como: *deletar, mouse, send, Word, Power Point, Windows, Microsoft* etc. Os estrangeirismos fazem parte do nosso cotidiano, em produtos que compramos, na televisão, nas músicas, em supermercados, em aplicativos, como é o caso da palavra *delivery*, que em português significa entrega; nas marcas de produtos como shampoo e condicionador, por exemplo, a marca *Head and. Shoulders*, produto bastante divulgado na mídia – a tradução significa cabeça e ombros. Estamos tão acostumados a usar palavras inglesas em nossa rotina que não nos atentamos ao significado.

Outro estrangeirismo é a palavra *Facebook*, nome da rede social criada pelo norte-americano Mark Zuckerberg, um empresário e programador; a rede é atualmente utilizada por milhares de pessoas. Nas redes sociais é comum observarmos muitas palavras da língua inglesa que vão sendo inseridas à língua do cotidiano das pessoas, como é o caso de *crush*, palavra utilizada pelos brasileiros para denominar um namorado, namorada ou pessoa que se está a fim. Outro termo corriqueiro é a palavra *fitness* que significa ginástica, na L.P. ganha sentido de boa forma. O *WhatsApp*, outro aplicativo recorrente no dia a dia dos brasileiros, é

uma adaptação da expressão *what's up?*, que significa “e as novidades?” ou “o que está ocorrendo?”.

Ainda é possível constatar a presença dos estrangeirismos nas músicas brasileiras, devido à constante influência do inglês. Como é o caso da música *Whisky e a Go Go*, do grupo Roupas Novas (1989). Veremos um trecho da música para comprovarmos nossa constatação.

*“Quase no fim da festa*

*Um beijo então, você se rendeu*

*Na minha fantasia*

*O mundo era você e eu*

*Eu perguntava, do you wanna dance?*

*E te abraçava do you wanna dance?*

*Lembrar você*

*Um sonho a mais não faz mal”*

Não somente nas músicas, mas em todas as esferas da comunicação e em áreas como o direito, a arquitetura, a psicologia, o jornalismo etc. Os vocábulos da língua inglesa são tão comuns em nosso cotidiano que, para o reconhecimento de alguns termos, não precisamos recorrer ao dicionário, como é o caso das palavras *send*, *delete*, *mouse*, *book*.

#### **4.2 Appendix Probi**

A língua, segundo Bechara (2009), é constituída pela historicidade, ou seja, há uma tradição histórica em que a língua adquire características até se consolidar. Através dos estudos históricos, pudemos perceber que a língua portuguesa possui uma historicidade que foi determinante para sua formação. É importante enfatizarmos o conceito de norma: “A norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional tudo o que se diz ‘assim’, e não de outra maneira”. É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas (BECHARA, 2009, P. 42).

Dado o exposto, sobre o contexto histórico da língua, constatamos que sempre houve a noção de certo e errado. Hoje, essa classificação ainda persiste, portanto, construímos um *Appendix Probi* com palavras consideradas certas e as palavras consideradas erradas. No lado

esquerdo temos as palavras consideradas corretas e no lado direito as palavras consideradas erradas.

“Para construção do Appendix tivemos como suporte o livro “Nova Gramática da Língua portuguesa” de Rodrigo Bezerra (2015) e as nossas observações do cotidiano. O quadro abaixo é uma forma didática para que entendamos as novas características do português falado.

|                                   |
|-----------------------------------|
| Dilapidar não <i>delapidar</i>    |
| Mestiço não <i>mistiço</i>        |
| Colher não <i>cuier</i>           |
| Para não <i>pra</i>               |
| Estou não <i>tô</i>               |
| Falando não <i>falano</i>         |
| Costume não <i>custume</i>        |
| Estava não <i>tava</i>            |
| Brincadeira não <i>brincadera</i> |
| Cantando não <i>cantano</i>       |
| Problema não <i>probrema</i>      |
| Umbigo não <i>imbigo</i>          |
| Mendigo não <i>mendingo</i>       |
| Mulher não <i>muier</i>           |
| Homem não <i>homi</i>             |
| Vassoura não <i>bassoura</i>      |
| Privilégio não <i>previlegio</i>  |
| Campeão não <i>campiao</i>        |
| Enteado não <i>inteado</i>        |
| Paletó não <i>palitó</i>          |
| Agrícola não <i>agricula</i>      |
| Encobrir não <i>incubrir</i>      |
| Mosquito não <i>musquito</i>      |
| Goela não <i>guela</i>            |

**Quadro 10** - Appendix Probi dos vocábulos atuais.  
Fonte: elaboração da autora.

Com base no quadro acima, verificamos que as palavras consideradas erradas pela gramática normativa acontecem na língua falada, às pessoas tendem a escrever da mesma forma como falam, mas isso se refere, na maioria dos casos, às pessoas não escolarizadas. O fato é que a língua portuguesa evoluiu bastante, tanto em sua estrutura quanto em aspectos morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos. Não poderíamos deixar de mencionar as palavras consideradas erradas e certas pela gramática normativa, já que foi do latim vulgar, língua das camadas populares da sociedade, que surgiram as línguas românicas. Não nos pautamos em descrever a noção de certo e errado, mas abordamos sobre a trajetória do português brasileiro para compreendermos os fatores que determinaram as características do nosso léxico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua portuguesa recebeu muitas contribuições linguísticas para a formação de seu léxico, muitos termos que usamos em nosso cotidiano são marcas das influências de outros povos em nossa cultura. O português trazido pelos portugueses foi adquirindo novas características, tornando-se, assim, diferente do português de Portugal. Esta pesquisa contribuirá para aqueles que têm interesse em saber mais sobre a língua portuguesa. Este estudo nos proporcionou uma visão ampla do percurso histórico do português brasileiro.

Foi ainda no período colonial que o português foi ficando mais próximo da forma que é hoje, é nesse contexto histórico da colonização que irão surgir as diferentes falas regionais. Apesar de o português ser o idioma nacional, existem diferentes variedades do português falado. Por volta dos anos 1800 a 1950, fase do desenvolvimento da escrita e do ensino, a fala ficou próxima do português contemporâneo, com a queda do *r* final, em palavras como: receber >recebê, calor >calô.

As obras literárias nos permitiram observar as diferentes fases da língua portuguesa. Até surgirem as propostas de ortografia, a língua oscilava em sua grafia; com o surgimento da ortografia, foi possível consolidar boa parte da escrita da língua. Contudo, na fala, ainda há diversidades linguísticas de cada região do Brasil.

O português possui uma historicidade bastante rica em sua formação, vários fatores sociais e políticos também contribuíram para a ampliação do português, que foi imposto no Brasil pelos portugueses em substituição às línguas indígenas. Apesar da variação diatópica, isso não interfere em nossa comunicação, a estrutura da língua é a mesma em todos os lugares do Brasil.

Na literatura, podemos perceber a diferença da língua, são esses registros que nos possibilitaram perceber a evolução do português. A mudança é perceptível, como vimos por meio dos registros escritos arcaicos, por isso, não temos facilidade em compreender o português de outras épocas.

Procuramos detalhar as fases da língua portuguesa para que todos possam compreender as alterações que ocorreram na língua. Estudar a história do português permitiu-nos descobrir vários fatores que as gramáticas não nos revelam, acreditamos que este trabalho contribuirá para todos aqueles que desejam aprimorar seus conhecimentos em relação à língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. B. **Português: contexto, introdução e sentido**. São Paulo: Moderna , 2016.

ALENCAR, j. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1984.

BASSOS, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu(2010). **História da Língua portuguesa**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC.

BANZA, ANA PAULA E MARIA FILOMENA GONÇALVES . **Roteiro de história da língua portuguesa**. São Paulo: Ática , 1987.  
[https://drive.google.com/file/d/18MCTLm8QYvAyy3tEeE21MeDZRzqdQdAz/view?usp=drive\\_sdk](https://drive.google.com/file/d/18MCTLm8QYvAyy3tEeE21MeDZRzqdQdAz/view?usp=drive_sdk)

BECHARA, E. **Moderna Gramática portuguesa**. Rio De Janeiro: Nova Fronteira.2009

\_\_\_\_\_ **Estudo da língua portuguesa**. Brasília: FUNAG, 2010.

BEZERRA, Rodrigo. **Nova gramática da língua portuguesa para concursos/** São Paulo. Editora : Método. 2015

CANDIDO. A. **Iniciação à literatura brasileira**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

CARDEIRA, E. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

CASTILHO, A. T. D. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto.2010

CASTRO, I. **Introdução à história do português: geografia da língua - português antigo**. Lisboa: Colibri, 2004.

COUTINHO, I. D. L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CARVALHO, Wanderci. **Contemas: ou cadernos de poemas de um aluno do Liceu**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

Duarte, D. **Leal Conselheiro**. Lisboa, 1843.



FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FURLAN, O. A. **Língua e literatura latina e suas derivações portuguesa**. Petrópolis - RJ: Vazes, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Garcia, A.S. **Semântica das palavras**. Solettras , ano 1, n. 0.2 São Gonçalo : jul./dez, 2001.  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/solettras/article/download/4417/3222>

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A,2006.

História, característica e acordos ortográficos. Aparecida, Goiânia, Brasil, 2010.

ILARI, R., & BASSO, **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

**Língua Portuguesa**. UNESCO Chair in Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage. University of Évora. ISBN: 978-989-99442-6-8. Disponível em:  
LOYOLA, Priscilla Gonzaga Aquino. **A Língua Portuguesa e Alguns de Seus Aspectos**:

LUFT, C. P. **Novo Manual de português, gramática, ortografia oficial, literatura, textos e testes**. São Paulo: Globo,1996.

OLIVEIRA, L. R. *Cattus, feles et pinguis: um grafito do vocabulário latino e de suas transformações portuguesas*. João Pessoa: Ideia, 2015.

SILVA, J.P. **Gramática histórica da língua portuguesa**. \_1.ed\_ Rio de Janeiro: O autor, 1946.

SANTOS, A. A. **Estrangeirismos e sua influência na língua portuguesa**. São Paulo, 2008.

SILVA NETO, S. **História da língua portuguesa**. 4º. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da língua portuguesa III** . Segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 2008.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.